



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

25 DE ABRIL DE 1964  
ANO XXI — N.º 525 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALER DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVEIRO ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Festas

4.ª feira, 8 de Abril.

São 6,30 da tarde. Pousei o telefone. Era do Espelho da Moda a dizer o recado momentos antes recebido das bilheteiras do Coliseu: A casa está esgotada.

Bendito seja Deus! Faltam oito dias. Este ano pareceu-me mais sóbrio, o Júlio, na tarefa da propaganda. Como é bom pensar no amor que esta lotação esgotada significa! A notícia encheu-me e comprime-me. Como podemos nós faltar? Como havemos de aparecer todos os anos sem risco de cansar? Acontece-me muitas vezes como a S. Pedro: Depois de andar sobre as águas, temo que não possa continuar. Por isso a notícia me encheu e me comprime.

Dias mais cedo chegou este postal:

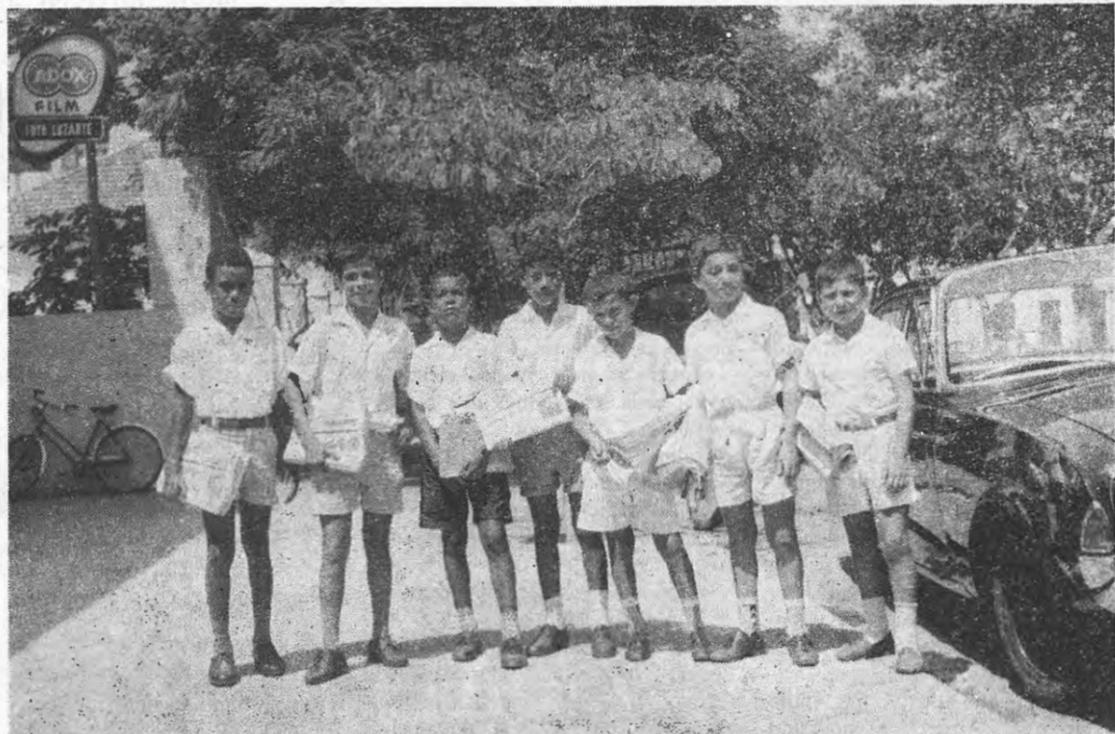
Queria pedir o favor e ao mesmo tempo lembrar a possibilidade de fazer a vossa festa por duas vezes, uma à tarde às 6,30 (ao domingo) e outra à noite. Já o ano passado assim fizeram e parece que o Coliseu encheu. Para algumas pessoas é difícil ir à noite, e eu sou uma delas, mas não queria ficar sem ver a festa. Agradece a atenção e pede desculpa

Uma leitora do Porto».

Outras vozes semelhantes se lhe juntaram. Eu já tinha decidido que sim e Júlio obtivera da sempre pronta Direcção do Coliseu a tarde de domingo dia 10 de Maio. Agora não estremeço mais. Nem que fôra só para dar oportunidade a tantos que ficaram sem bilhete para a primeira Festa... Mas eu sei que o Coliseu vai esgotar uma segunda vez. Bendito seja Deus!

Quando este jornal vir a luz, já foram o Coliseu de 5.ª feira, Lisboa e Setúbal. Será nesse mesmo dia Braga. E depois Coimbra, Aveiro e Guimarães e o Coliseu a 10 de Maio, domingo, à tarde. Na data em que escrevo, ainda nada sei de concreto sobre Viana do Castelo.

Visado pela  
Comissão de Censura



Da esquerda para a direita: Carlos, Chico, Beto, Nunes, Carlinhos, Victor e «Manuel da Creche».

## AREIAS DO CAVACO

Venda de «O Gaiato» — O entusiasmo não pára. O lhem para a cara do Chico. Ela diz da confiança que anima os vendedores. Eles sabem que, neste momento, sobretudo, estão a ser os grandes obreiros da nossa Casa. Tenho provas para o dizer. Há dias, chegam a Casa, da venda do jornal, ofegantes, apertados pelo calor. Um deles sai-se com esta: «Hoje quanto rendemos? Já chegará para pagar aos homens do campo?». Como gosto de os ouvir falar assim! São eles os obreiros da Casa que é sua.

Mas há uma coisa triste. É que, desta vez, o Lo bito quase não viu «O Gaiato». E era o jornal do aniversário, tão rico, capaz de matar bem a fome, durante quinze dias, a quem o lesse. Paciência!

## TRIBUNA de Coimbra

Por  
Padre Horácio

É à força que me sento para escrever duas linhas. Na minha frente vejo a terra do campo lavrada e preparada para receber sementes e dois rapazes preparam as bordas de enxada. Cheguei há pouco do olheiro, onde Luiz lava com os bois grandes e Zé Claro guia a grade que bois pequenos vão arrastando, muito a custo. Abel do último ano do Seminário e Zézito do primeiro seguem-nos com ancinhos a tirar erva ruim.

Zé macaquito anda a semear feijão de canteiro no olival dos poços e ontem deu a notícia a toda a gente de que já

semeava feijão sozinho. Depois do almoço vai haver um recrutamento dos mais velhos das oficinas para a sementeira do feijão mocho na vinha. Na sala de costura minha Mãe, que de há anos nos corta a batata de semente, mal se vê no meio de uma rima de poceiros. É um formigueiro activo a vida agrícola nesta época. Todos os braços são poucos. O que se não fizer perde a vez. Não há mãos a medir, pois o longo período de chuva atrazou as sementeiras.

Enquanto ando assim atarefado com  
Continua na TERCEIRA página

O Cavaco é lindo. Visto de longe, é um manto de verdura. Ao pé é um oásis, onde, em dias de calor, abundam sombras das mangueiras, acácias e buganvílias.

Mesmo junto ao rio, onde o vale vai buscar o nome, vive o Sebastião. Fui lá, pelas mãos da mulher. «Meu homem está doente e não temos que comer». Era domingo de Páscoa. Festa de Família. Há abundância nos lares. Em casa do Sebastião não há que comer.

Fomos. Um rancho de pequenos, de fatos domingueiros, e eu no meio deles — É ali, diz a Maria Luisa. É ali a nossa casa. Maria Luisa é a mulher do Sebastião.

Entramos à vez de pequena que era a cubata.

— Sebastião, que tem?  
É quase surdo e está parali-

Cont. na SEGUNDA página

# AGORA

Detida há cinco meses, os Senhores não imaginam o comprimento da precissão que hoje vai sair e continuará no próximo ou próximos números.

Para não demorar, aí vêm já os *Avulsos*: 300 da Maria Viçência; outro tanto de Laura, da Covilhã, «para ajuda das casas que a Obra traz em mão». 1000\$ no Lar de Lisboa. De um empregado do Aviário do Freixial, 20\$ e «que Deus abençoe esta Casa». Mais Lisboa com outros 20\$00 para uma telha e outras migalhas com outros destinos. Vale de 100\$, da Sertã. Uma grande amiga de um Hotel do Luso, «por alma de minha mãe e em comemoração do seu aniversário».

«Aqui está a minha quota. Oxalá que ela puxe muitas mais». É o E. D. M., do Porto. Mil de «Uma Alentejana». De Lisboa «Aqui vão mais 2 *deles*». É a Maria Manuela com mensagem de muita delicadeza. Quinhentos não sei de onde. 2.200\$ de um anónimo, mais de um *pedador*, mais do ass. 33503. Estes três constam da lista do Montepio Geral que é o nosso Depósito em Lisboa. Outra vez a capital (A minha terra marca!): É um casal com «uma pequena lembrança, a qual se destina a pagar a promessa pelo feliz nascimento do nosso Zêzinho».

Agora é do Porto, um velho e grande Amigo «renovando um compromisso», com 100\$.

Voltamos a Lisboa. É aquele nosso «sócio» dos 5% no Totobola:

*Junto um cheque no valor de 610\$00 que se destinam segundo o pensamento inicial ao Património dos Pobres por serem 5% dos prémios com que fui contemplado no Totobola. Porém como estamos na quadra do Natal e os Pobres precisam de algum conforto dêem-lhe o destino que quiserem com a certeza de que agrada a Deus de qualquer forma.*

*Peço o anonimato como de costume.*

*Com desejos de um Natal Feliz.*

Um pulo ao Congo ex-Belga. De Luluabourg um nosso compatriota pede esclarecimentos, que Júlio despachou a seu tempo. Não sei se veio foi a casa...

Um sacerdote da Beira, não sei se Alta se Baixa, «implora para as Casas do Gaiato as melhores benções do Céu e envia 2500\$ para ajuda duma Família pobre de harmonia com a vontade de V.. Que só Deus e V. disto tenham conhecimento». O nome da lâmpada não, mas a «luz não é para ficar debaixo do alqueire». Outra vez Lisboa, Alvalade, e um velho Amigo com 250\$. Mil de «Uma Vilarealense». O dobro de Sangalhos da assi-

nante 31796. O assinante 6653 manda 70\$. E «uma leitora» pede que «aceite esta humilde oferta para ajuda de qualquer utensílio para uma moradia de Pobres».

Passam agora os das *Casas por inteiro*.

Luanda manda uma. «Desejávamos que se chamasse «Reverendo Padre Cruz» pois é uma *dívula* que tenho. Oportunamente seguirá outro cheque para uma segunda casa que, com o vosso acordo, será «Pai Américo».

Porém pedimos um grande favor: que sejamos total e absolutamente ignorados. Quando muito, de um *devedor*».

Em Malanje, alguém de Brito Godins deu-nos 12.000 angolares com desejo de que a Casa seja em S. Mamede de Riba-Tua. 13.500\$ para «Casa do Sagrado Coração de Jesus». É por alma de uma Irmã no 3.º aniversário do seu falecimento.

Aquele nosso primeiro visitante de cada ano, como nos mais, deixou-nos 24 contos. De um anónimo do Porto, quatro casas. E de Lisboa 16 contos para a «Casa de S. José».

No Tojal mais duas casas entregues:

«Do Senhor J. Marques» e «Paz e Prosperidade».

Desfilam agora os de todos os meses. É o dos 20\$ poupados ao tabaco: 5 vezes. É a Maria do Pequeno Louvre. É a Alda do Ribatejo, com os seus 70 certinhos. É a Odete, da Guarda, que pôs em dia as suas prestações até Dezembro passado.

E a campanha dos 30.000x20\$ ainda tem os seus devotos: Aquelle Major de Lisboa, que todos os meses aparece com 40\$ para as casas e mais 10\$ prós «novelos de lã» — Ordins e outro tanto para as Belenitas. É aquela assinante que sempre, ao despedir-se, pede uma Avé Maria pela conversão de um chefe de Família. Com esta perseverança, pode estar certa que a hora, demorará, Deus sabe..., mas há-de chegar.

E ainda para esta campanha, sobras de assinaturas pagas: do Consul da Bélgica, do assinante 30135, da assinante 25507, «para me desobrigar e ainda por algum assinante que, desejando desta forma colaborar no Património dos Pobres, o não possa fazer». E mais a assinante 373.

E temos de terminar já. É a vez dos *Pessoais*. O do Grémio dos Industriais de Panificação, que só aqui me aparece em Novembro e Janeiro passados, mas deve ter havido descuido em tomar nota por parte dos secretários, durante a minha ausência em África.

O mesmo digo do Pessoal da HICA, que me falta aqui em Novembro e creio que em Outubro.

Os Funcionários da Caixa

André, o «Rouxinol» — o que era furriel «mascote» — guarda as cabras, canta cantigas e urina na cama. «Olha moço, amanhã se... apanhas porrada» — diz-lhe o Neca ao deitar. O nosso «Rouxinol» com o seu olhar longo e doce fica a olhá-lo como quem não compreende. Fico feliz a saborear o quadro! E às escondidas do Neca faço uma carícia nas bochechas negritas — não vá ele ter medo. Sim, como ele veio da região do medo, queremos que ele ganhe paz e tranquilidade.

Há dias fui dar com um gaiato pequeno a dar-lhe banho com carinho de mãe... O «Rouxinol» há-de sentir, há-de amar na medida em que se sentir amado.

\* \*

Recebi carta do Júlio: «Naseu o

## Cantinho de Malanje

meu 5.º filho, um rapaz de categoria, com 4 quilos. Um atleta!»

No mesmo correio, «O Gaiato» trouxe-me o Américo e a Olímpia no meio da malta e assomados à janela da felicidade e do amor.

Ao chegar a casa notei que o Fernando anda tolinho de volta da nossa Emília que vai ser mãe.

Bendito seja Deus!

«Crescei e multiplicai-vos».

Está tudo certo.

Se Pai Américo fosse... andaria tolinho de alegria.

\* \*

Quinta-Feira Santa:

**Eucaristia...** Na nossa pequena capela do Culamuxito rezámos missa vespertina. Vieram das sanzalas próximas quase todos os cristãos. Receberam O SENHOR. Estive tentado a dizer-lhes:

«Pedi ao Senhor pelos que O abandonaram e vivem como pagãos». Pedi eu.

**Sacerdócio...** Pensei: «A seara está madura e é imensa». Decidi-vos e parti. O grão começa a perder-se.

**Lava-pés:**

Jesus não fez uma cerimónia de pés limpos e beijo simulado. Lavou e beijou verdadeiramente. Custa muito! Mas só assim.

Quando os vi partir, solenes, num quadro de panos multicores... senti-me tão distante e pobrezinho!

Deram-nos: \* \*

Roupa, os dois irmãos para quem pedimos ao Senhor muita alegria — e, entre a roupa, um envelope com cem. De passagem por Salazar, o Snr. Antero C., um casal de cabritos, um de cordeiros,

um de patos e outro de coelhos — a area de noé! A Mobil-Oil, duzentos litros de gasóleo. A Texaco outros tantos do precioso. Que bom! Do Zaire, um donativo de mil. Uma nossa amiga do Cubal, 70. Da Cotonang, uma ajuda de 25000. Mais roupa dum amigo de Cambambe. Da assinante 3939, 300 com estas palavras: «Uma pequenina ajuda do muito que precisa a Nova Casa do P. Américo». Alguns senhores que nos visitaram no Culamuxito... Obrigado pela boa amizade. O nosso amigo, Chefe de Posto de Brito Godins, mandou-nos mil abacaxis (plantas), já estão plantados. O coração dos rapazes ficou alegre, Senhor Governador, com o pipo de vinho que nos mandou. A todos muito obrigado por tanto carinho. Prometemos rezar.

Padre Telmo

Textil do Porto estão em dia com o seu escudo mensal.

Esquecia-me que a Administração da HICA mandou o cheque do 2.º semestre de 1963 igual à soma das quotizações do seu Pessoal durante esse período

Finalmente esta carta da Trans-Zambesia Railway Company:

«É com grande satisfação que comunico a V. R.ª que esta Companhia resolveu trazer a sua modesta contribuição à admirável Obra iniciada pelo Rev.º P.º Américo e tão dignamente continuada por V. R.ª».

Com destino à construção de mais uma casa para a vossa meritória Obra, juntamos a importância de 15.000\$00, composta por donativos recolhidos entre o Pessoal da T. Z. R. num total de 7.830\$00 em dinheiro, e pelo cheque n.º S. B. 12473 sobre o Standard Bank de 7.170\$00 oferta da Gerência desta Companhia que, assim, gostosamente se associa a uma tão simpática iniciativa do seu pessoal.

Gostaríamos que a perpetuar este preito da nossa admiração por uma Obra de tão vasto alcance cristão e social fosse colocada uma inscrição apropriada na casa a construir como, a seguir, se sugere:

CASA DA T. Z. R.  
OFERTA DA GERÊNCIA E  
PESSOAL».

## Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

co. Os pequenos começam a sair. Não aguentam o cheiro.

«Ele faz tudo na cama e eu não tenho roupas para o mudar» — desculpa-se a Maria Luisa. E é verdade. Quando tem roupa para mudar, muda; quando não tem, vai apodrecendo mais a roupa.

E era domingo de Páscoa! Em casa do Sebastião não há alegria.

Demos-lhe um pouco do que tínhamos. E o Sebastião não passará mais fome e a Maria Luisa terá roupas para o mudar quando fôr preciso.

Voltamos pelo mesmo caminho. Os miúdos falavam do que viram — «coitado do Sebastião».

Ao entrar em casa alguém nos põe nas mãos um cheque de 10.000\$00. Bendito seja Deus que se nos manifesta de uma maneira tão sensível! E não tínhamos com que pagar as nossas contas do fim do mês! São quase cem bocas a quem temos de dar pão! Sem orçamento; sem verbas certas; apenas uma confiança

inabalável na Providência divina que cuida de nós.

Domingo de Páscoa. Ressurreição de Cristo. Em casa do Sebastião Ele estava em agonia.

X X X

### UMA CARTA

«Tendo F., preso no D. P. de Angola — Vila Roçadas, dirigido uma carta a esta P. G., solicitando o internamento de seus filhos, ainda menores, que se encontram sem amparo material e moral, em virtude de sua mulher se encontrar também presa, na Comarca do L., tenho a honra de rogar a V. Ex.ia, se digne providenciar no sentido de serem internados na «Obra da Rua» — Casa do Gaiato —, pois, conforme informação enviada a esta P. G. os referidos menores ainda vagabundando pelas ruas».

Quase todos os dias somos procurados por casos idênticos. Temos de dizer que não. Neste momento, não podemos



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Lar do Porto

—No passado dia 31, ao ritmo de uma festa tão movimentada, fizemos um pedtório. Dos nossos pequenos lá estiveram along a cada uma das entradas fazendo com o «Famoso», despertar a atenção de quantos por ali passavam. O resultado foi brilhante. Amigos anciosos de nos verem foram ao Bolhão propositadamente à nossa procura, sem muitas das vezes terem em vista a compra de um produto. Foi uma festa carinhosa, pujante de amizade e compreensão, a qual nos rendeu em dinheiro cerca de três mil e trezentos e setenta e três escudos e também nos rendeu mais umas boas dezenas de amigos.

—O nosso rink é óptimo, os patinadores são óptimos, mas... patins? Não sei dizer. É que só temos uns e estamos tão entusiasmados nesta modalidade que nos vemos na obrigação de vos pedir patins. É Paço de Sousa, é de de toda a parte que surge este pedido que vos dirijo; será insistir demais?... Mas dar-nos-eis uma alegria incomparável.

Não é só patins; stiks, e mais artigos do desporto também. Mas apesar de tudo um frigorífico é que nos falta. Oh, quanta falta nos faz! O frigorífico custa dinheiro, é verdade. Nesse caso não achais possível uma campanha a favor do frigorífico? Dez tostões que se amealha servirão perfeitamente. É só uma vez, e, se todos correspondessem até poderemos investir o «capital» noutras primeiras necessidades. Sei da vossa amizade, sei da vossa compreensão, portanto só me resta esperar a prometedora presença.

—Agradecemos as revistas e livros de boa cultura que tão úteis seriam a todos nós. A casa é linda, tudo é bom; sómente nossa biblioteca está pobre e não tem bons livros que sirvam de leitura que divirta e ensine.

resolver mais casos. Numa casa onde cabem razoavelmente 40 rapazes, estamos mais de 60. Sofremos perante a nossa incapacidade.

Encontro-os, a cada passo, pelas ruas e não posso trazê-los comigo! Isto faz-me sofrer muito! Quereria uma casa de família e não um armazém de rapazes. Já não temos mais espaço.

Quem dera que para o ano que vem, vos pudesse dar a notícia do começo da construção de uma Aldeia não para 40 ou 60, mas para 180, com escolas, oficinas, capela, casal agrícola e tudo o necessário para lançar na vida as dezenas e dezenas de rapazes abandonados que vos mais eu vamos encontrando a cada passo.

Quem dera!

P.e Manuel António

— DA CONFERÊNCIA: — Com um verdadeiro amor nos temos empenhado em manter os nossos deveres sempre tão humanos: visitar nossos irmãos mais necessitados. Graças ao nosso e vosso cuidado não temos grandes problemas, tão sómente nos tem sido um tanto difícil o pagamento da mercearia. Tenho aqui duas facturas que totalizam 2.100\$. No cofre temos apenas 300\$00 e mais. As quotas têm descido, em grande parte devido ao descuido dos pequenos que vão receber essas quotas e em outra parte derivado do esquecimento de tantos que prontamente nos atendiam. Eu sei que ainda hei-de pagar o débito e que virá mais; sempre veio; sempre houve atenciosos benfeitores.

Aproveito para agradecer com todo o amor de irmão ao Senhor Francisco de Vasconcelos, de Lisboa, e à assinante 14.308 as suas presenças, dignas de santos corações.

A casa Sachs, a Shell, a Sapataria Nair, a Hidro Elétrica do Douro, a Companhia dos Telefones, o Espelho da Moda, Senhor Costa Moreira, Confeitaria Brasil, Bolhão; Ateneia, Arcádia; estes (deixai repetir) habituais benfeitores têm correspondido aos nossos apêlos, aos nossos gritos mais aflitivos. Para vós e para outros mais que não menciono porque não tenho em mente, uns nossos irmãos mais pobres recomendavam-me que vos enviasse um beijo pleno de agradecimento, intonso de amor.

A Senhora Aida precisa de roupas, e homem precisa de um casaquinho e mais de umas calças; são roupas para a Conferência do Lar do Porto. Mandai também.

Se Deus quiser, eu para a próxima contar-vos-ei alguns episódios das minhas visitas aos nossos Pobres e para já digo-vos com todo o júbilo que ontem, quando visitei a Senhora Aida, encontrei-os à mesa com os braços entre si, conversando com amor. Eles, assim tão pobres, amam-se; não se arreliam, não discutem, e tudo isso, porque lhes incutimos amor tão intonso, tão significativo como aquele que nos dais.

Obrigado do fundo do coração, meus irmãos.

Orlando

## Benguela

CARRINHA—Encontrava-se a caminho do Lobito, quando avariou. Não tem concerto. Não lhe pegamos mais. Sr. Padre disse que se ia arranjar, e foi. Mas como ela é muito velha não tem peças que lhe sirvam. Não desanimamos. Sr. Padre telefonou para Malanje e falou com Sr. Padre Telmo a pedir-lhe que despachasse a carrinha nova o mais depressa possível. Chegou. Excelente carro. Uma «Mercedes Benz», a gasoil. Carrega dois mil kg., mas custou dinheiro, e não foi pouco. Não a pagamos sem o ter. Ajudem-nos a pagá-la.

ESCUITEIROS — Há dias acamparam em terrenos nossos um grupo de rapazes desta cidade. Nós, como somos curiosos, fomos

até eles ver o que faziam. O «Fogo do Conselho».

O chefe, já antigo naquilo, falou e no fim dirigiu-se para o Sr. Padre e disse: «Não poderão estes rapazes aprender conosco?» A resposta foi «Sim».

Agora todas as Quintas-feiras não falta a nossa habitual reunião. Só para quem quer. Ninguém é obrigado. Aprendemos já jogos interessantes, a fazer nós, sinais etc.

ELEIÇÕES — Tivemos há dias de escolher um rapaz que fosse capaz de dar umas horas por semana um pouco de ginástica e treino de futebol.

Foi eleito o Domingos com 18 votos. Um rapaz que treinava aqui por perto e vai dar o que puder. Seguindo-se João com dois e por fim Carlos com um.

Como de costume, o eleito no fim teve a palavra: «O nosso campo não tem balizas, precisamos de travas ou alguma coisa para elas. Redes também as não temos. Equipas, isto é, camisas, calções e sapatinhas de trinta e sete, a quarenta e um. Nada existe! As quais em nenhum Club deve faltar».

Nenhum Club deve faltar.

Tudo isto ele falou e nós achámos muito bem. Mas...

Esperamos dentro em breve fazer treinos. Mas sem o que pedimos, nada feito.

Cá esperamos, anciosos, a vossa ajuda para o nosso Club. Muito obrigados.

João Evangelista

## Malanje

No dia vinte e cinco, às quinze e trinta, tudo estava atarefado com as limpezas das nossas picadas e arrumações das casas para comemorarmos o dia de Páscoa, a memorização de Jesus Cristo.

No dia seguinte às seis horas tudo estava levantado. Às nove horas nós e todos os habitantes das sanzalas mais próximas assistimos à missa a qual foi vivida com a maior alegria.

Ao meio dia tivemos o nosso almoço, este à sombra dumas árvores na margem da nossa lagoa. Ai não faltou alegria. O Sr. Padre Telmo mais o Fernando Dias mal se viam do lado de lá do prato, nessa hora até o fidel entrou para empurrar essas ditosas montanhas. Este, agradecemos-lo ao senhor Governador de Malanje que nos ofereceu um pipe dele.

As visitas não faltaram com as suas pequenas lembranças que para nós são sempre grandes. À noite, estávamos nós no fim da refeição quando apareceu o senhor

Martins que nos cantou umas espanholadas e assim acabou ele por nos encerrar o dia.

Pelo Natal foram-nos oferecidos alguns cabritos, mas como não havia pastor o arroz os foi levando.

Hoje temos pastor o nosso André, um pequeno de dez anos. Temos também quatro cabeças; mas o pastor que de vez em quando se dá para mim e diz: «Assim não dá forra ser pastor; são tão poucas!» Os senhores já sabem: quando houver por aí algum que esteja a comer capim demais ou a dar muito trabalho encostem-no no Culamuxito. Temos também falta de uma máquina fotográfica, porque é pena perder tantas e tão lindas paisagens que há na nossa quinta. Por isso, se houver por aí alguma esquecida façam-nos a oferta.

Precisamos de uma bicicleta ou uma motorizada. Emprestando-nos uma, mas coitada, já está velha. Eu já estou farto de a levar à mão para casa. Ainda há dias fui quatro quilómetros debaixo de chuva e com ela à mão. Cheguei a casa e só a torcer a roupa tirei um balde de água. Visto os casos, quem for boa pessoa deve ter pena.

Por hoje nada mais caros leitores. Agradecemos de ficarmos já todos os pedidos, e cá ficamos à espera até que se resolvam.

Muito obrigado.

Manuel de Sousa Cardoso

Continua na QUARTA página

## TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

esta vida agrícola o meu pensamento foge para uma tarefa que agora mais me aflige: a festa no Avenida. Os festeiros perguntam-me coisas e apresentam dificuldades. Todos cá em casa têm vontade de festa menos eu. Não faço nada, mas não preocupado. Não tenho habilidade nem paciência para organizar festas. Gosto muito de assistir a elas sentadinho numa cadeira. Quem me dera!

Mas à falta de melhor tenho de lhe pegar. A vida da comunidade passa a ser festa. Os recreios é a festa. A sala de costura é a festa. Para os rapazes do Lar é a venda de bilhetes para a festa. Os fregueses de «O Gaiato» mais os seus vendedores é a festa. As pessoas que encontro nas ruas é a festa. Tudo é festa. E eu tenho de entrar na festa.

Os da escola vão quase todos actuar e vai cantar o seu orfeão. Os mais velhos vão apresentar pela primeira vez o seu conjunto todo original. Os médios, armados em dançarinos, pediram-me pandeire-

## Retalhos de cartas

«Quero informá-lo que leio o Gaiato na sua totalidade, e creia, gainto-me culpado ao lê-lo por nunca ter contribuído para todas as Obras de Deus em execução por Pai Américo. Deus tem-nos ajudado: tenho mulher e 3 filhos, e ao ler o seu jornal, lembro-me das minhas crianças e das vossas. Imensa desculpa de ser tão pouco, mas o Conselho de Câmbios nem sempre autoriza, pois tenho uma mensalidade para a minha Mãe.

Não os esqueço, e peço roguem nas Vossas orações por nós».

«Já devia ter enviado alguma coisa para compensar a felicidade que o Famoso espalha, em quem o lê.

Felicidade como espírito de caridade e compreensão pelo

humano, no caminho do Senhor.

Não tem sido muito possível e só hoje o faço. Logo que possa, enviarei mais alguma coisa».

«Com os meus cumprimentos da mais alta consideração envio a quantia de Esc. 50\$00 para pagamento da assinatura do «Gaiato», único órgão de informação, que nos merece crédito, nestes tempos em que a mentira parece — porque aparece com tentáculos de polvo — estender-se no mundo. Confieiros, porém, na vitória esmagadora do Espírito, da Verdade que em clarões de esperança e de certeza se desprende dos Santos Evangelhos, de que «O Gaiato» é face polida onde a lição se reflecte».

## Teatro Circo

Braga

25 DE ABRIL  
às 21,30 horas

## Teatro Aveirense

Aveiro

1 DE MAIO  
às 21,30 horas

## Teatro Jordão

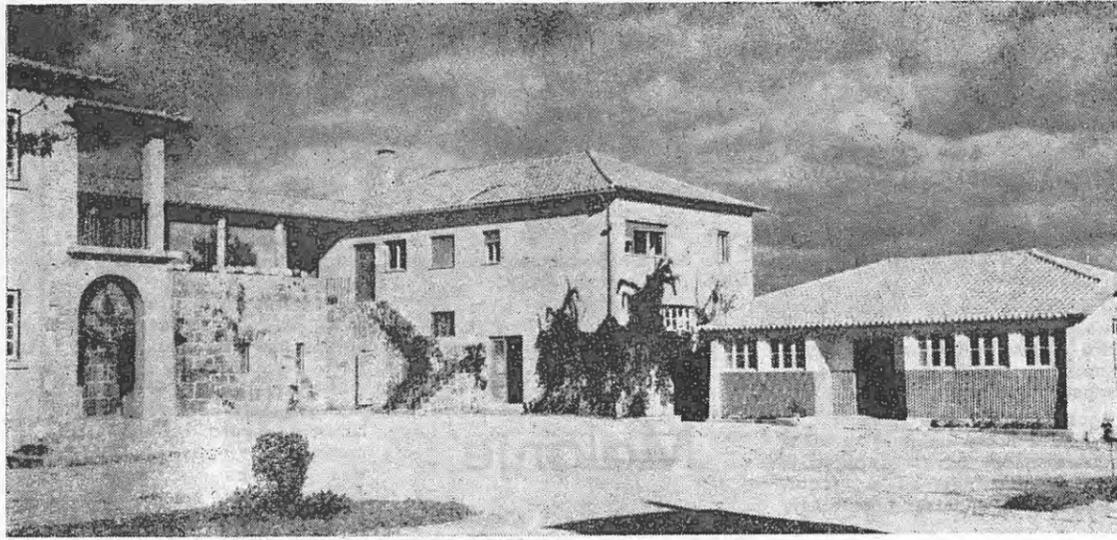
Guimarães

8 DE MAIO  
às 21, 30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras de cada um dos Teatros



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Um belo recanto da Casa do Gaiato de Beira

PELAS CASAS DO GAIATO



Cont. da TERCEIRA página.  
Notícias da Conferência da nossa Aldeia

**O QUE RECEBEMOS** — A falta de espaço tem sido um quebra cabeças. E, por isso, o nosso cantinho sofre as consequências.

Aí vai a procissão: Do Porto, Rua Justino Teixeira, 20\$00; de Lisboa Avenida da Liberdade, 100\$00; e mais Lisboa com 20\$00, da assinante 13888. Agora temos Leiria, pela mão do assinante 9989, com 30\$00. E 40\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. E metade de Viana do Castelo, do assinante 29.783. E «120\$00 correspondentes ao último semestre de 1963», do assinante 19206. E Olho Marinho com 20\$00 e «uma pequena encomenda com roupas de criança». Fizeram um jeitão, pelo Natal! E mais «100\$00 para um chale para agasalhar uma velhinha; as calças serão para um velhinho (são de pessoa limpa e saudável). Peço uma oração pelos Pais de Júlia e Eduardo». Ó delicadeza! Mais 50\$00 do assinante 20586 de Espinho. E mais 20\$00 da assinante 1110. E das primeiras! O assinante 18233 marca presença com 60\$00 relativos ao 1.º semestre. De subscritores assim é que a gente precisa. O número vai aumentando lentamente, é certo, mas vai aumentando. Graças a Deus. Mais 20\$00, da Guarda. E mais 30\$00, de S. João da Madeira, por uma intenção particular. Mais 20\$00 da assinante 31987. E mais esta carta de Seia:

«Prometi dar 50\$00 para um Obra de Caridade, se o Senhor me concedesse uma graça implorada. Pensei que se os enviasse às Conferências de S. Vicente de Paulo a promessa ficaria cumprida. Em face disso remeto-os aos Gaiatos Vicentinos, para eles lhes darem o destino que acharem melhor».

Mais 50\$00 de um Médico, muito amigo, das Caldas da Rainha. E mais 45\$00 de uma Farmácia de Rio Tinto, remanescente do pagamento de uma factura à nossa Tipografia. O assinante 5615, de Arrifana, enviou 50\$00. E 20\$00 de algures. E 100\$00 de Alice Pequena, da Fábrica dos Tabacos, no Porto. E metade de Castro Daire. E 40\$00 da assinante 17022 que não falta. E 70\$00 de um Comerciante da Rua Costa Cabral, no Porto. E mais 20\$00, do Porto. E ainda mais 20\$00 de A. F., do Porto, que também não costuma faltar. Por fim, temos Lisboa, também com 20\$00, pela mão da assinante 17740. A encomenda foi recebida, sim senhor. Descanse.

A todos muito e muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

O NOSSO JORNAL — Entrou no 21.º Aniversário. A maioria. Vinte anos de luta pelo bem dos homens. E tanto graças a Deus, tem conseguido! O número de

Aniversário é um testemunho autêntico do bem que o Famoso tem feito por esse Portugal fora. E agora quase na maioria e, por conseguinte, maior responsabilidade, vamos todos nós desejá-lhe, com muita sinceridade, os maiores êxitos e longa vida.

**SELOS USADOS** — A falta de notícias da nossa parte deve ter sido a causa da falta de encomendas que se tem verificado nestes primeiros meses do ano 1964. Não quero dizer que não tenha mesmo vindo nada. Pelo contrário, têm vindo algumas encomendazitas que a seguir passamos a discriminar: De Fafe, da irmã do Sepadre Zé Maria um envelope com deles jeitosos; de D. Severina Rocha, de Lisboa, que nos diz ir continuando a pedir e logo que tenha mais mandará; a Sra. D. Alice nunca falha e sempre a acompanhamos, 20\$00; aparece agora Vila Nova de Famalicão com um envelope cheio; Assinante n.º 10855; da Av. João XXI, 15-5.º Esq. em Lisboa; outra encomenda de Alferrade, por intermédio de Manuel Bernardino. Vem agora o Porto, na pessoa de Conceição Mota; outra vez o Porto, desta vez de Acácio Ventura, que deseja para a Obra e para a Campanha do Selo Usado, o maior êxito. Deus o oiça e os nossos leitores queiram. Do Montepio Geral algumas encomendas e entregues aos vendedores, outras; de Maria Fernanda Ferreira Fino, uma boa encomenda e já tem aparecido mais vezes. Pode continuar que muito nos alegra. Mais selos de Manuel Lucas e Carlos Bettencourt, da JEC. Caro amigo: quando é que esse trabalho da JEC vem parar à nossa Tipografia? Aguardamos. Das Irmãs de S. José de Cluny (novos clientes da Tipografia), recebemos uma encomenda de selos; 6 cartas deles, de Maria Ribeiro; outro envelope da Rua Visconde Valmor, 35-3.º Esq. — Lisboa; outro do Lobito — Angola, um dos grandes cheinho, entregues por mão própria, pela Sra. D. Júlia, da Standard Eléctrica. O cuidado que esta nossa amiga põe nos selos é de louvar. E pergunta porque é que tantas senhoras amigas da nossa Casa e que trabalham em repartições, não evitam que milhares e milhares de selos vão para os caixotes dos papeis. Vamos ver quem responde à Sra. D. Júlia. A Câmara Municipal de Alcochete quase que ia ocupar novamente o lugar no Quadro d'Honra, (a encomenda era de facto muito boa) se não aparecesse uma encomenda de Angola, enviada pela Sra. D. Inês Costa e que chegou às nossas mãos por intermédio de D. Maria José Neves, de Lisboa. Para podermos avaliar bem a importância da encomenda vinda de Angola, devemos dizer que ao ser vendida, rendeu perto de 1.000\$00! Ninguém se deve admirar, pois, que o «Quadro d'Honra seja ocupado pelas Sras. D. Inês Costa e D. Maria José Neves. Informamos ainda que a Campanha rendeu já perto de 10.000\$00!

Vale a pena continuar e esperamos que os nossos queridos leitores se não esqueçam de que «grão a grão» pagaremos a máquina.

A todos agradeço e de todos me despeço, até de hoje a quinze dias, se Deus quiser.

Candido Pereira

Calvário

Por Padre Baptista

**ESTAMOS em maré de Páscoa. Não quero acarretar p'raqui quadros de miséria nem de pranto. Não senhor. Rosas, pombas, o piar dos pintos, isso sim. No Calvário nem tudo são espinhos. Também há a cor e o perfume das rosas. São elas que nos dão força para não sentirmos as picadas dos espinhos.**

Passava eu pela casa Graças a Deus e o Manuel fez-me parar com um olhe que já estão a nascer. E já, reparo. E delas, das rosas que vêm perfumar os ares deste Calvário. Mas quem deitou a semente, mais o estrume e as ajuda agora no seu crescer? — Eles, os doentes. Há terreno. Há semente. Há amor pelo Homem. E é quanto basta para haver rosas por aqui. Se noutra local, as horas daquele seriam preenchidas com o jogo, com o vício, com o nada. Assim dão rosas. E as rosas jardim. E temos um local de paz e repouso.

Senhor Daniel é o maior obreiro dos jardins. Anda a todo o instante de vassoura ao lado e tesoura em punho por via da relva e das cebes. A chuva temperada, que porfia regar, e o sol, que espreita a intervalos, tornam-lhe tudo macio e mimoso. É tão fácil e tão simples prender o Homem! E como?

— Pelo amor. Deixe-se que ele ame. E se o seu amor é bem ordenado, não se lhe ponham barreiras. A natureza é obra de Deus. As aves e os animais criaturas do mesmo Senhor. Que mal há-de haver em amá-las? Eu amo as flores, mais as sebes, mais a relva, não já somente pela beleza que reflectem, mas sobretudo pelo fruto humano que elas são. E as pombas? Ai as pombas! Levaram-me já a mandar levantar dois pombais, um para as galegas, outro para as de leque. E então estas! Serenas, brancas, poisadas à beira do lago, a server água! É só um assobio. Já me conhecem, — diz-me o senhor Daniel. Puderam! Ele é o tratador!

Outro dia, vem ele ter comigo muito a sério: — Posso matar o gato branco? É uma lástima. É que mata os borrachos novos! Ora, eu não soube mais do bicho. Sei apenas que temos por cá mais pombas. O dito animal era coisa temida. Por via dele, soube que se chocaram pintos na cozinha, e debaixo de camas (estou ainda para saber na de quem!) e em lugares bem seguros como estes. E mais.

— Que leva aí no peito? — As mãos da velhinha puxam de dentro da camisola um pinto muito arrepiado — Ando a aquecê-lo. — E então a criadeira? — pergunto eu. — E o gato? responde-me ela. O pinto tornou para onde vinha e eu para onde seguia.

É bem fácil prender o Homem. A natureza é atractivo forte e

sobremancira eficaz. Deixe-se que ele ame as criaturas. E como ele sabe. E sabe assim.

Nasceu uma ninhada, de leitões. Uma dúzia. Lindos. Gordos. Delícia! Dois, porém, não acompanham o crescer dos mais. Os irmãos não os deixam mamar, e eles definham. Não admira, que os homens fazem outro tanto uns aos outros. Ao que parece, no caso dos leitões, a mãe não tem tetas para todos. No entanto, tudo se soluciona em bem, numa casa, onde todos podem dar seu parecer.

— Para onde vai com o biberom? — pergunto a uma das doentes que cuida dos bichos. — Vou chegá-lo aos dois porquitos mais pequenos! — E eu não fui capaz de desprezar o quadro. Regalei-me. E os dois leitões ainda mais.

Mas este encontro frutuoso com a natureza, não se opera sem persistência de quem o provoca. O mudar o curso das águas é tarefa penosa e exige tempo. E isto vale para toda a viragem que haja a fazer no homem. E se ele não hábitos são, mais ainda. Os anos de ócio, de convivência pouco sã, atrofia-lhe as virtualidades que o haviam de tornar mais homem. É preciso desper-

tar nele o que está adormecido. Dar-lhe a mão. Ir adiante para que aprenda o caminho, ou o retome, se já o conhecia, mas o perdera. Mas logo que ele o saiba tiremo-nos para que ele sinta a alegria de ir adiante e por si.

Outro dia ia eu com a vassoura nas mãos. — Então o senhor é que vai fazer isso? — diz-me alguém pelo caminho. — É uma ofensa que nos faz!

Talvez seja. Mas eu sempre ouvi dizer, desde pequeno, que os bois é que devem andar adiante do carro. Quem deseja costumes, tem que implantá-los. Muitos destes doentes, que aqui têm vindo ter, nunca conheceram o que era o trabalho muito menos o asseio. De modo que o hábito leva o seu tempo. E exige quem o inicie, e teime com perseverança pelo que há a criar. É preciso que os bois andem adiante do carro.

Padre Baptista

TEATRO AVENIDA Coimbra

28 DE ABRIL às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

COLISEU DO PORTO

10 DE MAIO às 18,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu.

